

“Na memória das gentes”: A imortalização de D. António de Noronha na poesia de Camões

Larissa Stocco Gomes¹

RESUMO

O presente trabalho busca levantar alguns apontamentos a respeito da relação de Camões com D. António de Noronha, um jovem de quem foi preceptor – morto em combate no ano de 1553 –, para quem são dedicados numerosas composições do grande poeta português. À luz do soneto fúnebre “À morte de D. António de Noronha”, são observadas algumas evidências homoeróticas presentes em outros versos de Camões, com base em estudos e questões levantadas por Frederico Lourenço.

Palavras-chave: Luís de Camões, D. António de Noronha, homoerotismo, poema fúnebre.

ABSTRACT

“Na memória das gentes”: The immortalization of D. António de Noronha in the poetry of Luís de Camões

The present work aims to gather some notes on the relationship between Luís de Camões and D. António de Noronha, a young gentleman whose preceptor was Camões, killed in combat in 1553, to whom are dedicated numerous compositions written by the great portuguese poet. In the light of the funeral sonnet “À morte de D. António de Noronha” (“The death of D. António de Noronha”), some homoerotic evidences present in other verses of Camões are observed, based on studies and questions raised by Frederico Lourenço.

Key-words: Luís de Camões, D. António de Noronha, homoeroticism, funeral sonnet.

¹ Aluna de graduação no curso de Letras - Português e Italiano, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP).

Muito já foi discutido a respeito da questão biográfica presente nas obras de Camões; reuniões acadêmicas, simpósios, textos diversos, etc. citam exaustivamente as supostas amantes do poeta, suas viagens, algumas polêmicas pessoais e uma lista de outras coisas reais ou deduzidas a partir das poucas informações sobre a vida de o autor d'*Os Lusíadas*. Segundo o historiador português José Hermano Saraiva, em diversos pontos da obra de Camões – nascido em 1524 – é possível notar indícios de que ele escrevia também a respeito de sua tão misteriosa vida, algo que gera grandes curiosidades a respeito de tão notável poeta.

Retomando o histórico de biografias escritas sobre Camões, Saraiva aponta para o fato de que muito se perdeu² desde a época em que o poeta escrevia ativamente. Problemas com edições, atribuições falsas de autoria, perda de escritos e questões filológicas não permitem a total comprovação de que as biografias escritas sobre ele estejam absolutamente corretas.

Em 1611, o bibliotecário Pedro de Mariz se dedicou a traçar uma linha do tempo que contasse a vida do escritor, tornando-se assim seu primeiro biógrafo. Foi então que vieram à tona os questionamentos relativos à identidade da ama de Camões, posteriormente retomados por Manuel de Faria e Sousa e pelo germanista Wilhelm Storck. Embora de forma não tão frequente quanto nas hipóteses levantadas por Saraiva³, tanto nas investigações de Faria e Sousa quanto nas de Storck surge o nome de D. Violante de Andrade - esposa de D. Francisco de Noronha, 2º Conde de Linhares -, irrompendo então o pressuposto de que Camões teria tido um caso com a ama, D. Violante, para quem os primeiros críticos acreditam que tenham sido dedicados alguns sonetos do poeta. Nota-se mais tarde, no entanto, que grande parte da composição de Camões era dedicada, na verdade, a D. António de Noronha, filho do casal.

Reunindo-se o *corpus*, percebe-se que são dedicadas a D. António de Noronha as conhecidas oitavas sobre o desconcerto do mundo, duas elegias (entre elas, a ilustre “O poeta Simónides, falando”), uma ode, uma canção e duas éclogas, sendo ainda a morte do jovem

² SARAIVA, José Hermano. *Vida Ignorada de Camões*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978. p. 29

³ O historiador atribui a D. Violante de Andrade um grande número de dedicatórias, o que é questionado por Américo da Costa Ramalho em um estudo publicado pelo Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em comparação ao número de vezes que o mesmo nome aparece nos estudos traçados por Faria e Sousa e por Storck.

citada em outros dois sonetos e em uma notável écloga de Camões; um grande número de dedicatórias.

Levantando a questão da dedicatória, o escritor Frederico Lourenço constrói seu primeiro romance, *Pode um desejo imenso* (2002), no qual questiona o homoerotismo⁴ presente nas obras de Camões – em especial, referindo-se às composições dedicadas a D. António de Noronha, que é, como diz Lourenço, a “única figura projectada pela lírica camoniana com identidade real, imanente e emotiva.”⁵

Pouco discutido, o homoerotismo das obras de Camões sofre um apagamento desde os primeiros estudos feitos sobre o poeta, devido às hipóteses levantadas pelos estudiosos que reuniram suas poesias de que os poemas, na verdade, teriam sido escritos a mulheres – como Violante, a mãe de D. António, ou Dinamene, donzela chinesa pela qual Camões supostamente teria se apaixonado e que teria morrido no naufrágio de um navio que retornava a Goa e que trazia também o poeta. Essas, no entanto, são apenas hipóteses e imagens projetadas por acadêmicos e letrados, muitos dos quais propositalmente ignoraram a homossexualidade nos poemas de Camões, e não podem ser tomadas como verdadeiras; isso além dos já citados problemas com as atribuições de autoria e questões filológicas, como eventuais censuras ou erros que possam ter ocorrido em diferentes edições ou cópias de poemas de Camões.

A teoria apontada por Lourenço é a de que as dedicatórias escritas por Camões não seriam explícitas devido também ao preconceito vigorante na época, o que levou outros autores, como João Rodrigues de Sá Meneses, a serem denunciados à Inquisição por homossexualidade.

Apesar de não reconhecer a homossexualidade nos versos de Camões, José Hermano Saraiva também reconhece o mistério acerca do grande número de versos dedicados a D. António de Noronha. Diz ele:

A nenhuma outra pessoa dedicou o Poeta um tão elevado número de composições; e em todos os casos, aliás pouco frequentes, de dedicatória de poema a uma pessoa determinada é muito clara a razão da oferta. Não acontece isso com D. António de Noronha; alusões um pouco vagas e muito lisonjeiras ao talento do moço, que faria os seus

⁴ do grego *ὁμοίος* (Homóios), semelhante e *Ἔρως* (Eros), amor; “amor entre semelhantes”, relativo a pessoas do mesmo sexo.

⁵ 2002, p. 22

tem-tens literários, à sua gentileza (“o mais gentil pastor que o Tejo viu”), ao facto de ter morrido tragicamente e em consequência de um destino que ele, Camões, considera semelhante ao seu próprio, não explicam uma ligação literária tão duradoura e profunda. D. António morreu aos 17 anos, quando Camões já tinha perto de 30.

(1978, p. 82)

Entre quase todos os autores que já falaram sobre a vida de Camões, é consensual que o poeta tenha sido um preceptor do jovem D. António, supondo-se assim que passava muito tempo com ele, o que seria suficiente, como apontado por Frederico Lourenço, para que a morte do pupilo deixasse em sua alma profundas saudades – Noronha era um adolescente quando morreu em Ceuta, em um combate com mouros, no dia 18 de abril de 1553⁶.

Em uma das cartas escritas enquanto o poeta estava na Índia, é citada de forma direta a morte de D. António de Noronha, em uma dedicatória também explícita. Diz Camões: (...) Por agora não mais, senão que este Soneto que aqui vai⁷, que fiz à morte de D. António de Noronha, vos mando em sinal de quanto ela me pesou.” (CAMÕES; PIMPÃO; 1978. *Carta I. Mandada da Índia a um amigo.*)

Colocando em comparação algumas das composições dedicadas a Noronha, é possível notar assuntos comuns a quase todas elas: o uso da palavra “alma”, descrita sempre de forma boa – ou lisonjeira, como apontado por Saraiva – e por vezes acompanhada por adjetivos parecidos, como por exemplo a palavra “gentil”, o tema da morte e do amor que permanece mesmo depois dela.

Os dois últimos elementos aparecem no soneto “À morte de D. António de Noronha”⁸, que, como o nome já diz, homenageia a imagem do jovem.

Na primeira quadra é citado diretamente o nome do pupilo (“Ah! Senhor Dom António!”). Camões lamenta sua prematura partida, dizendo que o jovem foi arrancado da vida “em flor pela dura sorte”, elemento que remete ao desconcerto do mundo tão cantado pelo autor. O único conforto para sua mágoa, citado na quadra seguinte, é o de que, para a honrada morte, D. António realmente não poderia ter uma vida mais longa.

⁶ AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. Camões e D. Sebastião. In: *Dicionário de Luís de Camões*. Org. Vitor Aguiar e Silva. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2011.

⁷ Soneto “À morte de D. António de Noronha”, tema deste artigo.

⁸ Anexo 1.

Nos três versos seguintes, que compõem o primeiro terceto, Camões descreve o desejo de que sua arte e seus humildes versos consigam fazer jus à forma como ele quer que o assunto seja tratado; aqui, é dito pelo poeta que D. António de Noronha será, para ele, especial matéria, ou seja, assunto de muita estima.

Nos versos finais, o poeta volta a falar de sua mágoa (seu “triste e longo canto”), mas ressalta que o jovem continuará vivendo “na memória das gentes” - ele já está, afinal, imortalizado no soneto de Camões - mesmo depois de sua morte nas mãos do fero Marte, o deus romano da guerra - uma alusão ao fato de que D. António morreu em uma batalha, lutando contra mouros.

O deus Marte aparece também na *Écloga dos Faunos*, dirigida também a D. António de Noronha, reconhecida pela crítica literária como uma obra paralela ou semelhante ao canto IX de *Os Lusíadas*. Neste, é narrado o episódio da Ilha dos Amores, natureza paradisíaca onde ocorre uma perseguição que culmina na consumação sexual, assim como ocorre na *écloga*. Frederico Lourenço, no *Dicionário de Luís de Camões*, compara as duas composições, ao passo que

em ambos os textos há um ambiente de sexo transgressivo que se instaura por via da função subversiva das alusões mitológicas, muitas delas alusivas ao incesto (relações sexuais entre irmão e irmã ou entre pai e filha), à violação e à homossexualidade (que marca presença na referência aos amores de Apolo por Jacinto e Ciparisso em ambos os textos).

(2011, definição de “Amor”)

Os amores de Apolo por Jacinto e Ciparisso são ambos narrados nas *Metamorfoses* de Ovídio, no livro X, versos 162-219 e 106-142, respectivamente. A trágica história de Jacinto narra que, durante um jogo, Apolo joga a seu amado um disco, que acidentalmente o mata instantaneamente; Jacinto se transforma, assim, em uma flor. Já no segundo mito, Ciparisso é o causador do erro que o leva a uma morte simbólica; o jovem mata despropositadamente um cervo dado a ele por Apolo, que o transforma em um cipreste. Para Elaine C. P. dos Santos, Ciparisso e Jacinto “são transformados em flores e em árvores que simbolizam o eterno pesar [...] de uma divindade”⁹ – um pesar presente também no soneto de Camões.

Os mesmos episódios são referidos pelo autor em *Pode um desejo imenso*, com a adição da informação de que é possível criar paralelos entre eles e o episódio de Niso e Euríalo

⁹ 2010, p. 197.

da *Eneida* – fonte de revisitação latina, uma das obras clássicas nas quais se inspirava Camões –, apelidado como “o momento mais abertamente homoerótico de toda a epopeia antiga” (2002, p. 47), dizendo também o autor que D. António poderia ser indiretamente comparado a Jacinto, por quem Apolo se apaixona.

Depreende-se, assim, que é possível dizer que existe um homoerotismo implícito em algumas das composições de Camões para além de *Os Lusíadas*, e esse amor velado (possivelmente graças à cegueira proposital da conservadora crítica literária, aliada ao preconceito da época em que vivia Camões), em grande parte, encontra-se nas composições dedicadas a D. António de Noronha. Os elementos biográficos podem, nos poemas dedicados a D. António, ser identificados sem problemas; isso é comprovado até mesmo pelo fato de que o soneto à morte do pupilo foi encontrado em uma carta de Camões - é clara a real existência do jovem na vida real do poeta. No entanto, não se sabe ao certo se a relação entre o preceptor e seu pupilo era meramente platônica e unilateral, servindo assim a imagem do jovem apenas como inspiração ao poeta, que poderia ter nutrido uma paixão por ele, que nunca transcendeu ao plano físico, ou se era essa relação alimentada por ambos e escondida não somente de Violante e D. Francisco de Noronha, mas também dos olhares públicos, que já à época tanto criticavam Camões.

Como dizem os últimos versos do poema “À morte de D. António de Noronha”, na memória das gentes Noronha viveu e tem vivido até os dias de hoje, através da imortalização dos versos da poesia de Camões.

ANEXO 1

Soneto de Camões a D. António de Noronha, em edição fac-similada da segunda edição das Rimas do poeta.



SONETO 12.

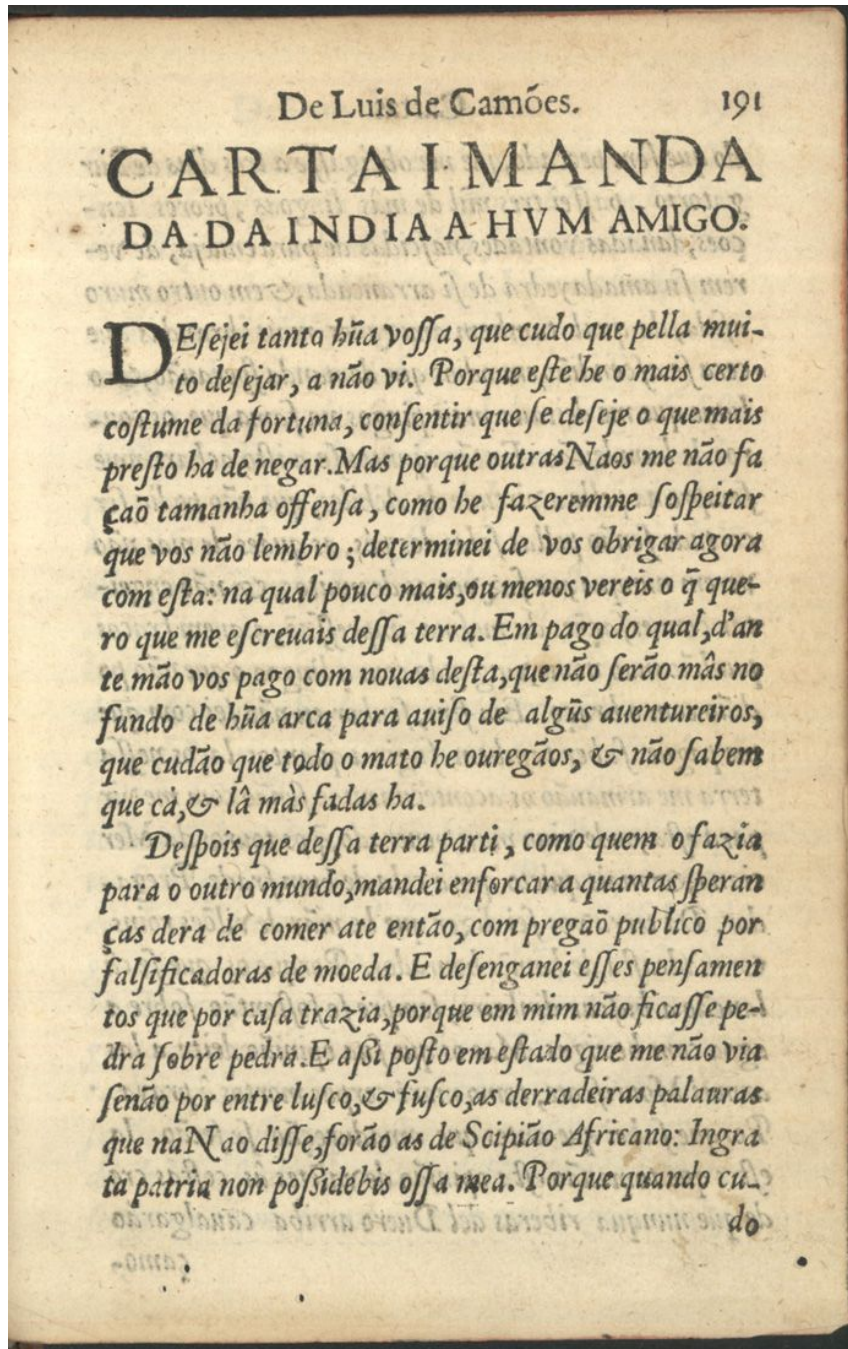
† EM flor vos arrancou de então crescida
 (Ah fenhor dom Antonio) a dura forte,
 Onde fazendo andava o braço forte
 A fama dos antigos esquecida,
 Hũa só razão tenho conhecida,
 Com que tamanha magoa se conforte,
 Que pois no mundo avia honrada morte,
Que não podéis ter mais larga a vida,
 Se meus humildes versos podem tanto,
 Que ço desejo meu se iguale a arte,
 Especial materia me fereis.
 E celebrado em triste, & longo canto
 Se morrestes nas mãos do fero Marte,
 Na memoria das gentes viuireis,

SONETO 13.

† NUm jardim adornado de verdura,
 A que esmaltão por cima varias flores,
 Entrou hum dia a Deosa dos amores,
 Com a Deosa da caça, & da espessura;
 Diana tomou logo hũa rosa pura,
 Venus hum roxo lirio dos melhores,
 Mas excedião muito às outras flores
 As violas, na graça, & fermosura.
 Preguntão a Cupido qu'alli estava
 Qual daquellas tres flores tomaria,
 Por mais suaue, pura, & mais fermosa?
 Sorrindose o menino lhe tornava,
 Todas fermosas são, mas eu queria,
 Viol'antes que lirio, nem que rosa,

ANEXO 2

“Carta I Mandada da India A Hum Amigo”, carta dedicada por Camões a D. António de Noronha, presente em edição fac-similada da segunda edição das Rimas do poeta; na carta aparece também o soneto.



do que sem peccado, que me obrigasse a tres dias de Purgatorio, passei tres mil de más linguas, peores tentões, danadas vontades, nascidas de pura enueja, de verem su amada yedra de si arrancada, e em outro muro afida, da qual tambem amizades mais brandas que cera se ascendião em odios que demanda sperauão, e o lume que me deitaua mais pingos na fama que os couros de hum leitão. Então ajuntou se a isto acharem me sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia ser cortado senão pellas solas dos pés, as quaes de mas não verem nunca, me fez ver as de muitos, e não engeitar conuersações da mesma impressão, a quem fracos punhão mau nome, vingando com a lingua o que não podião com o braço. Em fim, senhor, eu não sei com que me pague saber tambem fugir a quantos laços nessa terra me armauão os acontecimentos, senão com me vir para esta, onde viuo mais venerado, q̃ os touros da Merciana, e mais quieto que a cela de hum frade Pregador. Da terra vos sei dizer que he m̃ay de vilões roins, e madrastra de homẽs honrados. Porque os que se cã lanção a buscar dinheiro, sempre se sustentão sobre a agoa com hexigas. Mas os que sua opinião deita, a las armas Mouriscote, como maré corpos mortos à praya. Porque sabeis que antes que amadurecã se secã. Ia estes que tomauão esta opinião de valêtes às costas crede que nunca riberas del Duero arriba caualgarão
cãmo

Camoranos, que roncas de tal soberbia entre si fuessem
hablando, & quando vem ao effeito da obra saluãose
com dizerem, que se não podem fazer tamanhas duas
cousas como he prometer, & dar. Informado disto, veo
a esta terra Ioaõ Toscano, que como se achaua em algũ
magusto de rofiões verdadeiramente, que alli era su co
mer las carnes crudas, su beber la biua sangre. Calisto
de Siqueira se veo câ mais humanamente, porque assi o
prometteo em hũa tormêta grande em que se vio. Mas
hum Manoel Serrão, que sicut & nos manqueja de hũ
olho, se tẽ câ prouado arrezoadamente. Porq̃ fui toma
do por juiz de certas palauras de q̃ elle fez desdizer a
hũ soldado, o qual polla postura de sua pessoa, era câ ti
do em boa conta. Se das damas da terra q̃reis nouas, as
quais são obrigatorias a hũa carta, como marinheiros a
festa de saõ F. Pero Gonçalues: sabei q̃ as Portuguesas
todas caẽ de maduras, q̃ não ha cabo q̃ lhe tenha os pō
tos se lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra
dã, alem de serem derrala, fazeime m. que lhe faleis al
gũs amores de Petrarca, ou de Boscão, respondem vos
hũa lingoagem meada de eruilhaca, que traua na gar
ganta do entendimento, aqual vos lãça agoa na feruu
ra da mòr quentura do mũdo. Hora julgai seõor o que
sentirà hum estamago costumado a resistir as falsida
des de hũ rostinbo de tauxia de hũa dama Lisbonen
se, que chia como pucarinho nouo com a agoa, vendose

agora entre esta carne de selé, que nenhum amor dá de si, como não chorará las memorias de in illo tempore? Por amor de mim, que ás molheres dessa terra digais de minha parte, que se querem absolutamente ter alçada com barão, e pregação, que não receem seis meses de má vida por esse mar; que eu as espero, com procissão, e paleo reuestido em pontifical, adonde estoutras senhoras lhe irão entregar as chaves da cidade, e reconheceram toda a obediencia a que por sua muita idade são ja obrigadas. Por agora não mais senão que este Soneto que aqui vay, que fiz à morte de dom Antonio de Noronha, vos mando em sinal de quanto della me pesou. Hũa Egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata algũa cousa da morte do Principe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vós mandara para a mostrardes lá a Miguel Diaz, que pella muita amizade de Dom Antonio folgaria de a ver, mas a occupação de escreuer muitas cartas para o Reyno me não deu lugar. Tambem lá escreuo a Luis de Lemos, em resposta doutra que vi sua, se lha não derão, saiba que he culpa da viagem na qual tudo se perde. Vale.

Em flor vos arrancou de então crecida

Ah senhor Dom Antonio, a dura sorte!

Donde fazendo andava o braço forte

A fa-

A fama dos antigos esquecida.
 Hũa fõ razão tenho conhecida
 Com que tamanha magoa se conforte;
 Que pois no mundo auia hõrada morte,
 Que não podieis ter mais larga vida.
 Se meus humildes versos podem tanto
 Que co engenho meu se iguale a arte,
 Especial materia me sereis.
 E celebrado em triste, & doce canto,
 Se morrestes nas mãos do fero Marre,
 Na memoria das gentes viuireis.

CARTA II. A OVTRQ AMIGO.

E Sta váy com a candeia na mão morrer nas de v.m.
 & se dahi passar seja em cinza, porque não quero
 que do meu pouco, comão muitos. E se toda via quiser
 meter mais mãos na escudela, mandelhe lavar o nome,
 & valha sem cunhos.

La mar en medio, y tierras he dexado,
 Y quanto bien cuitado yo tenia:
 Mas quan vano imaginar, quã claro engaño
 Es dar-me yo a entender que con partirme,
 De mim se a de partir hum mal tamanho.
Quão mal està no caso quem cuida que a mudança do
lugar,

Bibliografia

ANTOLOGIAS UTILIZADAS:

CAMÕES, Luís de, 1524-1580. *Rimas / de Luis de Camões*. - Acrescentadas nesta segunda impressão.... - Em Lisboa : por Pedro Crasbeeck : a custa de Esteuão Lopez, mercador de livros, 1598. - [8], 102 [i.é 202], [5] f. ; 4º (20 cm). Disponível em: <<http://purl.pt/14706>>. Consulta realizada em 09 de dezembro de 2019.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Obras Completas: Luís de Camões*. Volume I – Redondilhas e Sonetos (A lição das primeiras edições e variantes). Prefácio e Notas: prof. Hernani Cidade. Lisboa: Colecção de Clássicos Sá da Costa, 1972.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. Camões e D. Sebastião. In: *Dicionário de Luís de Camões*. Org. Vitor Aguiar e Silva. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2011.

LOURENÇO, Frederico. Amor. In: *Dicionário de Luís de Camões*. Org. Vitor Aguiar e Silva. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2011.

LOURENÇO, Frederico. *Pode um desejo imenso*. Lisboa: Editora Cotovia, 2002.

PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa. *Rimas, Autos e Cartas*. Porto: Livraria da Civilização, 1978.

RAMALHO, Américo da Costa. Revista Humanitas - Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Vol. XXIX-XXX. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1978.

SANTOS, Elaine Cristina Prado dos. Estrutura narrativa, o estado da questão: nas Metamorfoses de Ovídio. Revista *Todas As Musas*. São Paulo: Editora Todas As Musas, Ano 02 - Número 01, Jul - Dez 2010. ISSN 2175-1277.

SARAIVA, José Hermano. *Vida Ignorada de Camões*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

SOUZA, Zildene de. *Febo e Jacinto: um outro olhar sobre o mito*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.